

DA FILANTROPIA À CARIDADE: A ATUAÇÃO DE DUAS MULHERES NA EDUCAÇÃO DE MENINAS POBRES (1901 a 1971)

JEANE DOS SANTOS CALDEIRA*

GIANA LANGE DO AMARAL**

RESUMO

O presente texto decorre de um estudo mais amplo no âmbito da História da Educação, mais precisamente da História das Instituições Educacionais. Neste busca-se evidenciar a atuação de Luciana Lealdina de Araújo e Irmã Hilária de Souza em uma Instituição da cidade de Pelotas, o Asilo de Órfãs São Benedito, atual Instituto São Benedito, fundado no início do século XX, com o objetivo de amparar e instruir meninas carentes da cidade e região. Destaca-se que Luciana, conhecida carinhosamente por “Mãe Preta” teve sua atuação na instituição com características filantrópicas, já a Irmã Hilária, cujo nome de batismo é Ana Paulina de Souza, teve sua atuação voltada à caridade.

Palavras-chave: Asilo de Órfãs, História das Instituições Educacionais, Educação de Meninas.

ABSTRACT

This paper stems from a larger study in the History of Education, specifically the History of Educational Institutions. In seeking to highlight the role of Luciana Lealdina de Araújo de Souza and Sister Hilária de Souza an Institution in the city of Pelotas, the Orphan Asylum of Saint Benedict, St. Benedict current Institute, founded in the early twentieth century, with the goal of supporting

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

** Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora CNPQ/PQ2.

and educate needy girls of the city and region. It is noteworthy that Luciana, affectionately known as “Black Mother” had its role in charitable institution characteristics, as Sister Hilaria, whose given name is Ana Paulina de Souza, had directed its activities to charity.

Keywords: Orphan Asylum, History of Educational Institutions, Education of Girls.

PALAVRAS INICIAIS

Entre o final do século XIX e início do século XX, a cidade de Pelotas precisava de alternativas para garantir a educação modelar, disciplinadora e higienista destinada às crianças das classes populares, pois o número de jovens abandonadas e a condição de vulnerabilidade social das famílias que não tinham condições de mantê-las era assustador sendo necessárias iniciativas da filantropia e caridade, uma vez que o poder público não dava conta desse problema.

Nesse intuito, no ano de 1901, foi fundado o Asilo de Órfãs São Benedito, atual Instituto São Benedito, com o objetivo de amparar e instruir meninas pobres desvalidas, ou seja, órfãs, enjeitadas, expostas e sem distinção de cor. A iniciativa de fundar o Asilo partiu de Luciana Lealdina de Araújo, mulher negra, filha de escrava, pobre e que apesar de todas essas condições desfavoráveis, encontrou meios para atender às crianças necessitadas.

O Instituto São Benedito é um dos principais temas de pesquisa de um projeto mais amplo intitulado “Histórias da educação: processos escolares e profissão docente no RS (séculos XIX e XX)”. A pesquisa sobre Instituições Educacionais tem por base a ideia de que a História da Educação deve regionalizar os estudos históricos, buscando a compreensão das singularidades locais e institucionais, desvelando a ação dessas instituições junto à comunidade, suas práticas e suas culturas escolares e, dessa forma, contribuindo com o conhecimento sobre a educação em Pelotas.

No decorrer da presente pesquisa, sempre houve a

curiosidade de estudar histórias da vida da fundadora, pois até hoje ela é uma referência tanto para a Instituição como para a comunidade negra, prova disso é que seu breve histórico está publicado no “Dicionário escolar afro-brasileiro” (2006) e no livro “Mulheres negras do Brasil” (2007).

O estudo nessa Instituição foi dividido em três etapas: na primeira a investigação teve como foco os documentos impressos, na segunda utilizamos as fontes iconográficas e na última etapa, as fontes orais respaldando seu uso na metodologia de História oral.

Foi a partir de dados obtidos pelas fontes orais que se teve conhecimento sobre o trabalho da Irmã Hilária que além de ter tido uma atuação intensa na Instituição, era muito conhecida junto à comunidade pelotense.

Consultar fontes sejam elas escritas, orais ou iconográficas e nos depararmos com a história e atuação dessas mulheres, desperta-nos curiosidade e estranhamentos surgem. É importante ressaltar que esses são fundamentais à prática do historiador. Conforme afirma Tambara (2006, p. 81) “o historiador é um ser no mundo com compromissos que historicamente lhe são inerentes. E é esta vinculação com a realidade que faz mergulhar no passado para melhor compreender o presente”. O papel desempenhado por essas mulheres foram fundamentais para o Instituto São Benedito. Suas trajetórias deixaram marcas significativas que até hoje são lembradas ao revisitar a história da Instituição.

Cabe salientar que o trabalho que Luciana desempenhou na Instituição tem características da ação filantrópica que é marcada pelo trabalho humano e social destinados aos pobres, independente da religião ou condição social do praticante. Pelo fato da Irmã Hilária pertencer a uma congregação religiosa, seu trabalho está ligado à caridade, palavra relacionada à doutrina cristã que significa amor a Deus e ao próximo. Em suma, a filantropia seria uma laicização da caridade cristã¹.

1 Para saber mais sobre assistencialismo, filantropia e caridade, consultar <http://vicentinoscriciuma.blogspot.com.br/2009/05/as-diferencas-entre-assistencialismo.html>

“LUCIANA LEALDINA DE ARAÚJO”: A FUNDADORA DO INSTITUTO SÃO BENEDITO

A história do Instituto São Benedito começou no início do século XX e foi considerada uma conquista da etnia negra tão rejeitada e discriminada e que, mesmo após a abolição da escravatura no país, ainda enfrentava dificuldades para suprir suas necessidades básicas, dentre elas, emprego, saúde e educação.

Antes da fundação do Asilo São Benedito, Pelotas tinha duas Instituições para acolhimento de crianças desvalidas: a Roda dos Expostos na Santa Casa Misericórdia de Pelotas e o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição.

A primeira alternativa criada em Pelotas para o acolhimento de crianças foi a implementação da Roda dos Expostos² no dia 1º de julho de 1849, que abrigava crianças recém nascidas. O procedimento para a entrega e recolhimento do bebê dava-se da seguinte forma:

Primeiramente o bebê rejeitado, o exposto, é colocado em um tabuleiro pela abertura externa da Roda, em seguida o expositor, ou seja, aquele que deposita a criança, gira o mecanismo e o exposto passa para o interior da instituição. Logo após, o expositor toca uma sineta para avisar da chegada de mais uma criança. O exposto é recolhido pela pessoa responsável pela vigilância da Roda, sem que o expositor possa ser identificado (VANTI, 2004, p. 130).

Como não era possível a identificação do expositor, a criação deste sistema incentivou que muitas pessoas abandonassem os bebês na Roda, resultando em um grande número de crianças entregues aos cuidados da Santa Casa durante seu tempo de funcionamento. O objetivo da criação da Roda era de acolher, proteger as crianças rejeitadas da cidade e, conseqüentemente, tentar diminuir o número de óbitos infantis, pois muitas famílias não tinham condições de dar atendimento e cuidados necessários

2 Segundo Vanti (2004, p. 130) “a roda é fixada no muro ou janela da instituição e seu dispositivo contém um cilindro giratório de madeira e uma divisória”.

aos recém-nascidos. Sendo assim, a Santa Casa de Misericórdia ficou responsável por este serviço.

No entanto, mesmo com a criação da Roda dos Expostos, os problemas com as crianças abandonadas na cidade continuavam.

Na medida em que o abandono e a mortalidade infantil tornavam-se insuportáveis aos escrúpulos de alguns grupos da sociedade e na medida em que esses índices não podiam mais ser explicados pela causalidade, crescia a necessidade da criação de uma instituição capaz de aliviar consciências e arcar com as responsabilidades de sobrevivência dos enjeitados (Ibidem, p. 129).

A Santa Casa Misericórdia de Pelotas abrigava crianças de zero a três, cinco ou até mesmo sete anos de idade. Em 1885 com a fundação de um Asilo para órfãs na cidade, as meninas entre as idades citadas eram transferidas para o Asilo. No caso dos meninos, eram enviados para o Arsenal de Guerra, em Porto Alegre, ao atingirem sete anos de idade.

Entretanto, o sistema da Roda dos Expostos da Santa Casa enfrentou diversos problemas tais como os transtornos na organização dos demais serviços da Instituição, a escassez de amas e falta de verbas. Passados os anos, o número de crianças acolhidas pela Instituição foi diminuindo. Conforme Vanti (2004, p. 141) “a partir de 1896 até 1899, a entrada de expostos, praticamente cessou, chegando a no máximo uma criança por biênio”. Mesmo assim a autora relata que o serviço da Roda dos Expostos manteve-se efetivo provavelmente até 1908.

Com propósito de acolher meninas, alguns membros da sociedade pelotense, tendo como principais colaboradores membros da maçonaria, no dia 7 de setembro de 1885, fundaram o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição³.

Um dos principais objetivos deste Asilo era de transformar as meninas órfãs em cidadãs disciplinadas, responsáveis, úteis e aptas para a vida doméstica através do ensino de primeiras letras, práticas culturais, trabalhos manuais como o bordado e trabalho

3 Sobre a maçonaria em Pelotas, ver AMARAL (2005).

doméstico. Assim, futuramente, seriam consideradas mulheres com condições de serem inseridas na sociedade de acordo com os padrões estabelecidos pelas elites.

De acordo com os estudos de Maciel (2002), nos primeiros oito anos da entidade, as acolhidas ficaram aos cuidados das Irmãs do Coração de Maria, do Rio de Janeiro. No ano de 1863, a responsabilidade de administrar o Asilo foi entregue às autoridades e no ano de 1888 a sua administração passou ser responsabilidade das Irmãs Franciscanas.

Após alguns anos de funcionamento, o Asilo passou aceitar somente meninas de pais conhecidos conforme aparece no estudo de Vanti (2004, p. 141) ao relatar a história da menina Ethelvina⁴ que ingressa na Santa Casa e, em 1890, não é recebida no Asilo Nossa Senhora da Conceição na condição de interna.

Ainda sobre os motivos que excluía o acolhimento de meninas abandonadas no Asilo Nossa Senhora da Conceição, Loner (2001, p.112) relata que para as meninas serem aceitas era necessário a existência de padrinhos, pelo menos até 1910, e que o Asilo também não abrigava órfãs negras.

Todo este processo de exclusão mobilizou membros da sociedade pelotense em função de um segmento social extremamente excluído na cidade: os negros. Era necessário criar uma Instituição com o objetivo de amparar e instruir crianças sem distinção de cor, cuja situação de abandono e pobreza da família fosse comprovada. Assim foi criado o Asilo de Órfãs São Benedito.

A iniciativa de fundar um Asilo para meninas sem distinção de cor partiu de Luciana Lealdina de Araújo. “Mãe Preta”, como era conhecida carinhosamente, nasceu em Porto Alegre no dia 13 de junho de 1870 e mudou-se para Pelotas no ano de 1900. Era uma mulher dotada de bondade e extrema determinação, com vontade de praticar o bem e fazer caridade junto aos mais necessitados, principalmente às crianças abandonadas⁵.

4 Para saber mais sobre Ethelvina, ver Vanti (2004) que tem um capítulo sobre a Roda dos Expostos e as vivências da menina tanto na Santa Casa quanto no Asilo Nossa Senhora da Conceição.

5 Isso fica evidente nos jornais da época, nos escritos de Nelson Nobre Magalhães e nos relatos daqueles que atuam na Instituição.

É importante salientarmos que expressões como gentil, bondosa, e de extrema determinação eram qualidades comumente encontradas nas páginas dos jornais pelotenses ao se referirem à Luciana. Os muitos elogios encontrados nessas fontes colabora para a formação de representações em torno desses personagens.

Vítima da tuberculose quando jovem, Luciana ficou muito doente e foi desenganada pelos médicos. Pela gravidade da situação em que se encontrava, ela fez uma promessa ao santo de devoção, o São Benedito: caso ficasse curada ajudaria a construir uma casa para abrigar meninas pobres.

Após sua cura, no dia 6 de fevereiro de 1901, em uma reunião pública foi fundada a Instituição e no dia 13 de maio do mesmo ano, foi oficialmente inaugurado: o Asilo de Órfãos São Benedito. A fundadora cooperou muito com esta obra filantrópica, sempre vestida com o burel de São Benedito, fazia sua peregrinação pelas ruas da cidade com o objetivo de arrecadar donativos para manter as meninas



Figura 1 – Luciana Lealdina de Araújo- Fundadora do Instituto
Fonte: <http://institutosaobenedito.blogspot.com.br/>

Para a análise da fundação da Instituição, o estudo do primeiro estatuto do Asilo, aprovado em sessão de Assembléia Geral no dia 31 de maio de 1902, foi de fundamental importância neste estudo. Nele encontra-se respostas a muitas questões

referentes ao objeto investigado, dentre as quais: qual a finalidade da criação da instituição? Quem eram essas meninas amparadas pelo asilo? Quais os deveres e obrigações tanto do Asilo quanto das asiladas?

Sobre a análise da história “é importante destacar que perguntas que o pesquisador tem que fazer ao material que lhe conferem sentido e, no limite, enquanto houver perguntas, o material não está suficientemente explorado” (GALVÃO; LOPES, 2001, p. 92). Sendo assim, existe muito conteúdo para ser interpretado e analisado a partir do Estatuto do Asilo de Órfãs São Benedito. Com a sua leitura, pode-se constatar que:

ART. 1º_ O Asylo tem por único fim amparar da miséria as meninas desvalidas d'este Estado, sem distincção de cor, orfhãs ou não, desde que, n'este caso, o pae prove que as não póde manter, ou a mãe que aquelle as abandonou (ESTATUTOS DO ASYLO DE ÓRFHÃS S. BEDITO, 1902, p. 1).

O fato de a criança não ser necessariamente órfã ou viver em estado de miséria, não significava que as demais meninas não poderiam ser internas da instituição. Quaisquer dos casos não citados eram admitidos caso os pais ou terceiros pagassem o vestuário, alimento e a educação da criança. Como objetivo prioritário (Ibidem, p. 2) “ART. 3º_ O Asylo, além do preciso à subsistencia, dará ás asyladas intrucção e educação, primaria, moral e religiosa, cuidando, principalmente, de tornal-as aptas nos mesteres proprios de boa mãe de família”.

Parte desse ideário era diferente da educação de meninas das classes abastadas, “preparação para gozar a vida em sociedade, para aquelas bem nascidas; preparação para trabalho para as órfãs e abandonadas” (GALVÃO; LOPES, 2001, p. 72). Ainda nessa premissa, na descrição do perfil da “mulher ideal” daquela época em Pelotas, Ferrari e Santos (2010, p. 6) afirmam que estas,

[...] costumava ser identificada como de uma pessoa “dócil, culta e cristã”, em consonância com o modelo familiar, católico e higienista acalentado no referido período histórico – de uma “mulher bem comportada”. Tal “mulher bem comportada”, via de regra, era categorizada de duas

maneiras: as filhas de pais abastados, que eram preparadas para a “ocupação” ou “cumprimento da missão” de esposa e mãe, e as meninas órfãs ou muito pobres que necessitavam ser “preparadas de forma adequada” para o mundo do trabalho [...] A educação e a instrução para “as bem nascidas”, bem como a preparação para o trabalho para as “desafortunadas”, tratava-se de uma necessidade que se vinculava à modernização da sociedade, à higienização da família e à construção da cidadania das jovens.

Além de o Asilo São Benedito instruir as meninas para serem boas esposas e boas mães, também havia a preocupação de torná-las aptas para os trabalhos domésticos. A estas em oportunizadas aulas de costura, bordado, elas aprendiam a lavar, engomar, enfim, conhecimentos e habilidades próprios para se tornarem empregadas domésticas ou boas donas de casa.

Para a admissão no Asilo, as meninas deveriam ter mais de 2 anos de idade, podendo permanecer até completarem 21 anos. Após sua saída, o seu destino geralmente era o mesmo, tornavam-se empregadas em casas de famílias. Antes da maioridade, só poderiam sair do Asilo pelo casamento ou pela intervenção dos pais, tutores, familiares ou protetores.

Com esse objetivo, Luciana, juntamente com o grupo de senhoras negras voluntárias, atuou no Asilo durante sete anos. Em 1908 mudou-se para Bagé, com suas três filhas de criação Alice, Avelina e Julieta. Em 1909, fundou o Orfanato São Benedito nesta mesma cidade conseguindo mantê-lo da mesma forma que o Asilo: fazendo a peregrinação pelas ruas da cidade para arrecadar donativos, mas dessa vez, junto com a amiga Florentina Ferreira. Ressalta-se que o orfanato acolheu meninos e meninas.

Ainda na cidade de Bagé, em 1922, a fundadora do Asilo passou a dirigir uma creche para crianças pobres e permaneceu na creche até 1930, ano de sua morte. Luciana faleceu e foi sepultada na cidade de Bagé em 27 de novembro de 1930, aos 60 anos, deixando uma herança de feitos, amor e caridade pelas crianças empobrecidas das cidades de Pelotas e Bagé.



Figura 2- Alunos junto à Luciana de Araújo, na primeira sede da entidade
Fonte: Diário Popular, 20 de novembro de 2010.

Pouco se sabe sobre a vida e obra da fundadora, sua imagem ocupa um lugar especial no salão de honra do Instituto. As histórias sobre sua vida geralmente se repetem, constantemente esta é referenciada na Instituição, sendo lembrada diversas vezes tanto pelas Irmãs religiosas que lá atuam quanto pelas alunas que tomam conhecimento da sua existência.

“IRMÃ HILÁRIA DE SOUZA: SUA OBRA DE CARIDADE JUNTO AO ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO

O historiador ao explorar certas fontes, muitas vezes se depara com algo que não pensou em abordar. Foi dessa forma, ao entrevistar uma das Irmãs que atuam na Instituição, que tivemos conhecimento da existência da Irmã Hilária e de trabalho no Asilo São Benedito.

Para aprofundar o estudo da história do Instituto São Benedito, recorreremos às narrativas, na forma de registros orais, entrevistando três Irmãs do Imaculado Coração de Maria que atuam na Instituição desde a década de 1990: Julieta Bertuol, Angélia Tebaldi e Oneide Bordignon.

Aqui a intenção do presente estudo não é explorar profundamente as entrevistas realizadas com as Irmãs, mas cabe enfatizar que a metodologia de História oral foi aplicada através de três entrevistas (uma por depoente) semi-estruturadas

e realizadas no próprio Instituto São Benedito. Todo processo com as entrevistas foi dividido em três momentos conforme Alberti (2008, p. 171) sugere: “a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento”.

O trabalho das Irmãs da congregação começou em 1912, antes disso o Asilo de Órfãos foi administrado por uma diretoria leiga formada predominantemente por membros negros, o ensino primário e os ensinamentos domésticos eram ministradas por um grupo de senhoras voluntárias, também negras. Após o pedido de exoneração por motivo de saúde da diretora interna do estabelecimento, Sra. Arminda Machado de Oliveira no dia 25 de setembro de 1912, a diretoria da época entregou os serviços assistenciais da entidade à Congregação do Puríssimo, atual Imaculado Coração de Maria, que ficou encarregada de desenvolver o ensino primário e as orientações dos serviços domésticos.

Em fevereiro de 1921, chega à Pelotas para trabalhar no Asilo de Órfãos São Benedito a Ir. Hilária Souza. Ana Paulina de Souza, seu nome civil, nasceu na cidade de São Jerônimo/RS no ano de 1880 e atuou na Instituição de 1921 a 1971, ano da sua morte. Muito conhecida na cidade de Pelotas, Irmã Hilária de Souza a exemplo de Luciana que fazia a peregrinação pela cidade para arrecadar donativos para as acolhidas era muito vista nas portas dos cinemas, portões de estádios de futebol, no comércio, nas indústrias, andava pela cidade inteira com sua sacola pedindo donativos.



Irmã Hilária de Souza e uma das meninas da Instituição
Fonte: Acervo do Instituto São Benedito

Para pesquisar a vida e obra da Irmã Hilária, entramos em contato com as Irmãs que atuam na sede da congregação localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Gentilmente, a Irmã responsável pelo arquivo da entidade nos enviou alguns documentos, dentre eles: resumo do histórico de cada obra onde as Irmãs do Imaculado Coração de Maria atuam e atuaram desde 1885 no estado do Rio Grande do Sul, biografia, cópia da certidão de óbito e algumas cópias de recortes de jornais mencionando o nome da Irmã pesquisada.

Na biografia consta que a Irmã, por sua vocação religiosa ingressou na congregação, vestiu o hábito em 1904 e sua primeira profissão foi em 28 de agosto de 1906, proferindo os votos perpétuos em 18 de janeiro de 1913.

De 1904 a 1921, trabalhou em algumas entidades que ajudavam crianças pobres, entre elas, o Instituto São Benedito em Porto Alegre que naquela época foi destinado para amparar e educar crianças negras, órfãs e desvalida que não eram acolhidas por outras Instituições. Outro local com intensa atuação da Irmã foi favelas que ficavam às margens do Guaíba, na capital do estado.

Sua chegada em Pelotas foi marcada pelo trabalho de catequização, evangelização de adultos, preparando-os para o casamento e as crianças para iniciação a eucaristia. Sobre sua peregrinação para arrecadar donativos para o asilo, conforme relata a Irmã Oneide “(...) *ela saía sempre acompanhada por uma criança, pois naquele tempo tudo era mais difícil de conseguir as coisas, não era como hoje*”. A Irmã Angélica complementa “(...) *as pessoas que vem aqui visitando, que ficaram aqui internas, sempre falam da Irmã Hilária*”⁶. Pouco se sabe sobre a Irmã, esta passou pela Instituição antes da chegada das Irmãs entrevistadas. Faleceu no próprio Instituto no dia 31 de agosto de 1971, aos 91 anos e seu corpo está sepultado no cemitério São Francisco de Paula em Pelotas.

Tanto os documentos redigidos pelas Irmãs da congregação, quanto os escritos em jornais, enaltecem a figura da Irmã Hilária,

6 Informação verbal. Ambas as entrevistas foram realizadas no dia 23 de maio de 2011 no Instituto São Benedito em Pelotas/RS.

palavras como alma alva, pura, nobreza, simpatia e humildade, são frequentemente utilizadas para descrever a Irmã, como podemos constatar na nota intitulada “Missa hoje reverenciará memória da Irmã Hilária”:

Irmã Hilária, jamais se desesperava. Pelo contrário, geralmente sorria. Mesmo quando os problemas com que se defrontava eram os mais sérios. É fato que tornou lendário, que por mais grave que fosse a situação, ela a todos consolava, com a certeza de que por fim, o coração de Maria certamente mostraria uma solução. Sempre que preciso, ao voltar para casa, jamais ela deixava de trazer alguns quilos de banha, batata, arroz, feijão, café ou o que mais suas meninas necessitassem para crescer. Dezenas, quem sabe centenas daquelas meninas, hoje moças, senhoras a consideram como mãe. Não é raro já avançada em idade, Irmã Hilária passava noites inteiras ao lado de uma garota enferma, infundindo-lhe ânimo, conforto e consolação (DIÁRIO POPULAR, 2 de setembro de 1971).

A ilustre Irmã teve seu trabalho reconhecido, recebeu muitas homenagens por parte da Instituição, congregação e da sociedade pelotense tanto em vida quanto após sua morte. A comemoração de seu jubileu de ouro na capela da Congregação Imaculado Coração de Maria, foi celebrada com uma missa de ação de graças, contando com a presença de famílias ilustres, diretoria, além das meninas pelas quais tinha grande amor e dedicação. A missa de sétimo dia em memória da reverenda foi celebrada pelo Bispo-auxiliar da Diocese de Pelotas, Dom Jayme Henrique Chemello, atual Bispo-emérito.

Destacamos a seguir o excerto do texto escrito por Olga Maria Dias Bainy sobre a Irmã:

Santificada em vida, quer pela atuação dedicada em favor dos humildes, quer pela autenticidade de sua formação cristã extrema da generosidade e acendrado amor ao próximo, serenamente aguardou o momento supremo do grande encontro com o Cristo que tanto amara e cuja vida servira-lhe sempre de exemplo. E, hoje, para nós que a conhecemos e a estimamos, que desde sempre aprendemos a respeitá-la e a admirá-la, é fácil dizer, parodiando Manuel Bandeira: “imagino Hilária, entrando no céu: - Licença, meu branco!... E São Pedro

bonachão: - Entre Hilária, você não precisa pedir licença!... (DIÁRIO POPULAR, 12 de setembro de 1971).

Fica evidente que os 67 anos dedicados a Congregação do Imaculado Coração de Maria, sendo que 50 destes foram no Asilo, (atual Instituto São Benedito) é lembrado com carinho e hoje é seguido como exemplo para dar continuidade aos trabalhos na entidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Instituto São Benedito atualmente é mantido por uma diretoria leiga, que apesar de todas as dificuldades juntamente com outras entidades (entre elas a Kindernothilfe -KNH - agência de desenvolvimento, fundada em 1959 na Alemanha, com enfoque na criança e no adolescente) conseguem dar continuidade a assistência para as meninas, oriundas das zonas periféricas da cidade, filhas de mães empobrecidas de baixa renda, cuja maioria tira seu sustento através do trabalho doméstico, sejam atuando como domésticas, faxineiras, diaristas. Além disso, as alunas matriculadas recebem aulas nos anos iniciais e atividades extraclasse como oficinas pedagógicas, recreação, artes, trabalhos manuais, entre outras. As aulas são ministradas no turno da manhã e a tarde ocorre as demais atividades. Muitas ex-alunas frequentam o Instituto para participarem de cursos de iniciação profissional o que acontecem com algumas mães que podem participar de algum deles.

Finalizando podemos afirmar que o amor ao próximo, principalmente pelas crianças abandonadas, foi um dos principais motivos que incentivou Luciana Lealdina de Araújo a fundar o Asilo no início do século XX, da mesma forma, o amor pelas desvalidas fez com que Irmã Hilária dedicasse 50 anos de sua vida aos cuidados das meninas acolhidas na Instituição. Seguindo os feitos destas duas mulheres, é por uma preocupação humanitária que as Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria, junto com a participação de voluntários e de sócios, conseguem

dar continuidade a assistência que tem como lema o amor, educação, caridade e valorização da criança empobrecida.

Ressalta-se ainda que a atuação das mulheres dentro do Instituto São Benedito sempre foi muito significativa, sejam estas voluntárias ou ligadas à congregação religiosa. Atualmente, a entidade é dirigida por uma mulher, a Irmã Julieta Bertuol que está no cargo desde 1994. A lista de diretores a partir de 1959 mostra que o cargo foi ocupado sempre por mulheres, sendo que entre os anos de 1975 a 1989, passaram pela direção duas professoras, fora esse período, todas eram Irmãs da congregação.

Por fim, cabe enfatizar que o trabalho com os arquivos que se encontram na Instituição foi de extrema importância para a pesquisa e para os sujeitos que fazem parte do dia a dia do Instituto. Esperamos que o trabalho realizado possa contribuir para futuras análises sobre a educação no município, influenciando para a preservação da memória e história desta Instituição. Isso não só para os que nela estão inseridos, mas também para os cidadãos que não tem o conhecimento ou não dão importância para esta obra filantrópica que tanto contribuiu para a educação e o assistencialismo no município de Pelotas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da História da Educação em Pelotas*. 2. ed. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

BRAZIL, Érico Vital; SCHUMACHER, Schuma. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

FERRARI, Leticia Schneider; SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos. “Como ser mulher” no alvorecer do século XX em Pelotas: a veiculação de representações sociais de gênero no periódico Diário Popular (1909-1920). In: ENCONTRO SUL-RIOGRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 16, 2010. Porto Alegre. *Patrimônio & História da Educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. p. 1-12.

GALVÃO, Ana Maria, LOPES, Eliane Marta. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (188-1930)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPel, 2001.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 157-202.

LOPES, Nei. *Dicionário Escolar Afro-Brasileiro*. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

MACIEL, Patrícia Daniela. Instituto Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição: estudo da educação das meninas abandonadas no século XIX. In: ENCONTRO SUL-RIOGRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8, 2002. Gramado. *Iconografia e Pesquisa Histórica*. Pelotas: UFPel, 2002. p. 291-303.

TAMBARA, Elomar. Problemas Teórico-Metodológicos da História da Educação. In: *História e História da Educação: O Debate Teórico-Metodológico Atual*. LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval (Org.). 3. ed. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2006. p. 79-87.

VANTI, Elisa dos Santos. *Lições de infância: reflexões sobre a História da Educação Infantil*. Pelotas: Seiva Publicações, 2004.

ENTREVISTAS

BERTUOL, JULIETA. Entrevista concedida a Jeane dos Santos Caldeira. Pelotas, 23/05/2011.

BORDIGNON, Oneide. Entrevista concedida a Jeane dos Santos Caldeira. Pelotas, 23/05/2011.

TEBALDI, Angélica. Entrevista concedida a Jeane dos Santos Caldeira. Pelotas, 23/05/2011.